

# AS VIAGENS PEDAGÓGICAS DO JOVEM ANÍSIO TEIXEIRA À EUROPA (1925) E AOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (1927) E SUA INCLINAÇÃO DEFINITIVA PARA A EDUCAÇÃO PÚBLICA

*José Geraldo PEDROSA<sup>1</sup>*  
*Reisla Suelen Oliveira SILVA<sup>2</sup>*

## **Resumo**

O artigo tem como objeto as representações sobre a Europa e os EUA e suas escolas, elaboradas pelo jovem Teixeira em ocasião de suas primeiras viagens internacionais, realizadas em 1925 e 1927. A partir das viagens, Teixeira produziu alguns escritos. Três questões nortearam a pesquisa: que representações o jovem Teixeira elaborou sobre Europa e América? Em que aspectos tais representações podem ser comparadas? Quais são as diferenças que elas expressam nas representações sobre o Velho e o Novo Mundo e suas escolas? O sentido foi identificar que relevo as duas viagens tiveram na inclinação do jovem Teixeira à educação pública. Os resultados expressam que a representação sobre a América e suas escolas é inversa à representação sobre a Europa e suas escolas, e que a experiência americana proporcionou a Teixeira uma representação de tal modo positiva sobre a educação que o levou a inclinar-se definitivamente para a educação pública.

**Palavras-chave:** Escolas. Representações. Europa. Estados Unidos da América. Anísio Teixeira.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação (UFMG); doutor em Educação: História, Política, Sociedade (PUC-SP); docente permanente no CEFET-MG.

E-mail: jgpedrosa@uol.com.br

<sup>2</sup> Mestre em Educação Tecnológica (CEFET-MG); Doutoranda em Educação (Universidade de Lisboa-POR); docente na UNA.

E-mail: reislasuelen@yahoo.com.br

# THE PEDAGOGICAL JOURNALS OF THE YOUNG ANÍSIO TEIXEIRA TO EUROPE (1925) AND THE UNITED STATES OF AMERICA (1927) AND TILT YOUR DEFINITIVE TO PUBLIC EDUCATION

*José Geraldo PEDROSA*  
*Reisla Suelen Oliveira SILVA*

## **Abstract**

This article has as its subject the representations of Europe and of the U.S.A. and their schools as described by a young Teixeira, as a result of his first international travels, in the years 1925 and 1927. Based on these trips, Teixeira produced some writings. Three questions directed this research: what representations did the young Teixeira elaborate on Europe and America? In which aspects can these representations be compared? And what differences do they express representations about the Old World and the New World and their schools? The objective was to identify how important the two trips were for Teixeira's inclination towards public education. The results show that his representations on America and its schools are inverse to his representations on Europe and its schools, and that the American experience gave Teixeira such a positive representation on education that it led him to lean definitely towards public education.

**Keywords:** Schools. Representations. Europe. United States of America. Anísio Teixeira.

## Introdução

Anísio Teixeira (1900-1971) é um intelectual inscrito na história da educação brasileira. Sua bibliografia compreende 268 publicações, incluindo livros de sua autoria e por ele traduzidos, artigos de revistas e jornais, entrevistas, discursos, conferências, relatórios, prefácios e traduções (GERIBELO, 1977). Essa condição faz com que a trajetória de Teixeira seja objeto de biografias,<sup>3</sup> dissertações e teses.<sup>4</sup> Contudo, sua vida e obra permanecem abertas a novas questões. Uma delas é referente ao que teria motivado Teixeira a inclinar-se para a educação pública, já que os seus primeiros 25 anos configuravam outro horizonte de expectativas: padre, jurista, político ou administrador de latifúndio na Bahia.

A inclinação de Teixeira para a educação pública amadureceu de 1924 a 1929, quando experiências significativas lhe sucedem: assume a inspetoria de ensino na Bahia (1924), faz contatos com Carneiro Leão (1887-1966), viaja à Europa (1925), mergulha de novo na educação baiana (1926-1927), viaja aos Estados Unidos da América-EUA (1927), retoma a gestão da educação baiana (1928) e, em 1928-29, retorna aos EUA para cursar mestrado com John Dewey na Universidade de Columbia. Ao retornar ao Brasil em 1929, Teixeira, com 29 anos, já é inclinado à educação pública, da qual torna-se protagonista.

De 1931 a 1935 a experiência acumulada por Teixeira nos anos 1920 vem à tona: na Associação Brasileira de Educação (ABE), no Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova e no comando da educação no Distrito Federal (DF), onde implementa mudanças visando à instituição de um sistema público de educação. No DF a maturidade de Teixeira é testada na condução das mudanças, na articulação e mobilização do campo educacional e nas disputas com os conservadores.

É nesse território que se situa a abordagem do artigo. A questão é identificar o relevo que as viagens aos EUA exerceram na inclinação de Teixeira para a república, a democracia liberal e a educação pública e laica. Trata-se, pois, de compreender uma trajetória.

Foram pesquisados documentos de 1924 a 1935, incluindo cartas, diários, súmulas teóricas, artigos, entrevistas para jornais, relatórios e livros, escritos desde quando Teixeira assume a educação baiana, contrapondo-se à “escola única”, até 1935, quando deixa o comando da educação no DF. A abordagem apreende Teixeira como intelectual (Sirinelli, 1996) e busca em seus escritos representações, apropriações e ideias em circulação (Chartier, 1991). Esses escritos revelam mudanças nas concepções políticas e educacionais de Teixeira, bem como o relevo das apropriações feitas na civilização americana.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Uma síntese dos estudos biográficos sobre Teixeira está em *Representações sobre Europa e América e suas escolas: comparação entre os escritos de viagens do jovem Anísio Teixeira (1925–1927)* (SILVA, 2016).

<sup>4</sup> Carvalho (2014) identificou 32 teses e 63 dissertações, totalizando 95 produtos referentes a Anísio Teixeira.

<sup>5</sup> “Civilização americana” é expressão usada por Teixeira para se referir aos EUA.

## O jovem Teixeira torna-se inspetor de ensino na Bahia, conhece Carneiro Leão e reage à proposta da escola única

Teixeira nasceu no interior baiano em 1900, oriundo de famílias ligadas ao latifúndio e à exploração de minério. Seu pai era médico, comerciante, fazendeiro e chefe político de prestígio. Em 1911 Teixeira entrou para o Colégio São Luiz Gonzaga e em 1914 para o Colégio Antônio Vieira, ambos da ordem jesuíta em Salvador. Dessa experiência veio a ideia de seguir carreira religiosa, mas havia pressão familiar para que Teixeira se inclinasse para a política (NUNES, 2010). Concluído o secundário, Teixeira foi cursar Direito em Salvador. Ciente da influência dos jesuítas, seu pai providenciou a mudança do filho para o Rio de Janeiro (RJ) a fim de concluir o curso de Direito. Diplomado em 1922, voltou a Caetité em 1923 disposto a ser padre. Teixeira viveu numa bolha social os seus primeiros 23 anos, entre família abastada, escolas elitizadas e influências jesuítas.

Durante 1923 Teixeira permaneceu assessorando seu pai na campanha eleitoral. Foi se aproximando da política, e em 1924 o eleito governador Góes Calmon ofereceu-lhe o cargo de inspetor-geral de ensino de Salvador, e não a Promotoria de Caetité como queria seu pai. Foi assim a iniciação de Teixeira na educação pública: inesperada e circunstancial. Teixeira saiu dos bancos escolares e tornou-se inspetor de ensino, sem formação pedagógica ou familiaridade teórica com a educação. Formado em escolas religiosas antes de tornar-se bacharel em ciências jurídicas, Teixeira tornou-se gestor da educação pública numa extensa e populosa unidade da federação, com muitos descendentes de negros escravizados, elevado analfabetismo e escolas precárias: sem prédios, mobiliários e materiais adequados, reduzido orçamento e muita ineficácia do ensino.

Rodeado por homens experientes, Teixeira sentia-se despreparado. Por isso foi indicado pelo governador a manter interlocuções com Afrânio Peixoto e Carneiro Leão. Numa dessas, Leão lhe indicou *Métodos americanos de educação*, do belga Omer Buyse. Leão foi o primeiro a apresentar a Teixeira ideias escolanovistas.

No mesmo ano Teixeira (1924) publicou seu primeiro artigo – *A propósito da escola única* – desqualificando a proposta de uma escola única: simplória e inexequível. Para Teixeira, apesar de o homem ter direito ao desenvolvimento de sua inteligência, como afirmavam os partidários da escola única, esse desenvolvimento não se daria de forma igual para todos, tendo em vista a natureza desigual do homem.

A reação de Teixeira à escola única é contundente. Num texto de quatro páginas o jovem e inexperiente critica o propósito que lhe fora apresentado como “aspiração universal”, qual seja, o de uma “‘escola única’ obrigatória para todos, ministrando ensino de modo integral e uniforme (...)” (TEIXEIRA, 1924, s/p). Teixeira respeitava o experiente Carneiro Leão, mas isso não o impedia de refutá-lo com argumentos aristocráticos.

Se é verdade, que o homem na sociedade, tem direito ao desenvolvimento da inteligência em sua plenitude, daí não se deve que a organização de um instrumento único, idêntico para todos acessível alla ‘escola única’, venha abrir para todos os homens a

possibilidade de um pleno desenvolvimento de suas faculdades<sup>6</sup> (TEIXEIRA, 1924, s/p).

Os argumentos revelam afinidades com o princípio aristotélico de justiça – “a cada um segundo sua capacidade” – que era atualizado na seguinte indagação: “Um desenvolvimento absolutamente igual de naturezas desiguas, desenvolve-as plenamente?” (TEIXEIRA, 1924, s/p). Teixeira não se refere às diferenças individuais, mas às gentes de diferentes origens sociais: “Como pensar em desenvolvimento idêntico para todas as inteligências de um país, se uma delas vai construir a inteligência de um país, se uma delas vai constituir a inteligência do camponês, outra a do industrial, outra a do letrado, a do profissional, a do artista?” (TEIXEIRA, 1924, s/p).

Dessa recusa brotava uma concepção sobre a organização do sistema escolar: “dois ensinamentos elementares se destacam em boa organização intelectual de um país: um destinando-se a formar o espírito para as necessidades imediatas da vida – primário; outro destinando-se para a cultura amadurecida do curso secundário” (TEIXEIRA, 1924, s/p). A escola única negava a “grande e invencível desuniformidade das inteligências e de seus imediatos destinos. A escola única como a quer a democracia, vem a ferir uma concepção pedagógica justa e razoável” (TEIXEIRA, 1924, s/p). Teixeira associava escola única, república e democracia. Vinha daí sua atitude contrária ao monopólio do Estado sobre a educação.

‘escola única’ encerra ainda uma tirania inexplicável em países verdadeiramente democráticos. Effectivamente, tal projecto não pode ser levado a efeito sem a monopolização do ensino pelo Estado. (...) De sorte que (...) devemos manter a liberdade de ensino e a sua variada e natural organização (TEIXEIRA, 1924, s/p).

Teixeira defendia escolas ancoradas na divisão social do trabalho: “A educação do homem dentro do seu meio e da determinação de suas inclinações. Formemos o camponês, um bom camponês. O intelectual, um bom intelectual” (TEIXEIRA, 1924, s/p). A crítica à escola única era combinada com a apologia da escola privada. A escola pública e única era como uma “organização artificial” que “impossibilita o ensino particular que (...) é mais dúctil, mais maleável, satisfaz mais completamente as necessidades sociais e nos fornece uma variedade maior de ensino, para a organização, intelectual do Estado” (TEIXEIRA, 1924, s/p).

No momento da publicação do artigo, Teixeira enxergava a educação com o olhar aristocrático da “cultura (...) aprendida nos colégios jesuítas” (NUNES, 2000, p. 97). Seu texto doutrinário “foi escrito num momento em que não só ainda não conhecia os problemas da escola pública baiana, mas também assumia (...) a postura reformista que o novo governador lhe indicava” (NUNES, 2000, p. 97). Seu pensamento expressava conflito entre velhas e novas orientações.

---

<sup>6</sup> Todas as citações textuais estão iguais aos originais e em acordo com a gramática da época.

Por força das circunstâncias, aos 24 anos, começa uma ruptura de Teixeira com o campo das possibilidades que lhe foram delineadas pela família e pela igreja. A história de Teixeira é a de formação do sujeito individual e sua autonomia.

### **Anísio Teixeira vai à Europa e aos EUA em busca de motivações para prosseguir na educação**

Os escritos de viagens de Teixeira à Europa e aos EUA permitem diferenciá-los quanto ao tamanho, formato, estilo e conteúdo. Os relatos da viagem à Europa estão em 54 páginas manuscritas em letras grandes, palavras espaçadas e média de quinze linhas por página. Maior parte dos escritos é sobre paisagens naturais e urbanas, cenas cotidianas e pessoas. Não há menção às escolas belgas, feita em outro relato de seis páginas.

As anotações da viagem aos EUA, com detalhes das instituições escolares visitadas, foram transformadas em 1928 num relatório de 116 páginas impressas, distribuído às escolas normais e bibliotecas baianas. Tratava-se de um texto de intervenção na educação no qual Teixeira partilhava com os professores suas apropriações americanas. Nas anotações sobre a Europa, a escrita de Teixeira é pessoal, informal e fragmentada, às vezes poética ou filosófica. Nos textos sobre os EUA a linguagem é formal, persuasiva e intencional. É escrita para ser partilhada.

A viagem europeia não tinha foco na educação, mesmo que uma das finalidades fosse conhecer *in loco* as escolas belgas. Quando Teixeira viajou à Europa, havia quinze meses que estava no comando da educação e era raso o seu mergulho nas precárias escolas públicas baianas. Quando retornou da Europa Teixeira permaneceu por 18 meses no Brasil, e foi nesse período que conheceu a condição das escolas e as estatísticas educacionais baianas, tempo e experiência suficientes para que se sentisse impotente e desafiado. Insatisfeito com o aprendizado na Europa, voltou a viajar em 1927.

Diferença entre as duas viagens é que o sujeito que viajou aos EUA em 1927 tinha outra bagagem cultural e outra vivência escolar. Além do pouco conhecimento dos problemas educacionais, Teixeira tinha em 1925 heranças da formação jesuíta associada à monarquia. Ao escrever sobre a Europa herdeira de castelos e reis, Teixeira revelou simpatias com a monarquia.

Mas a principal diferença entre as duas viagens é o foco do viajante. A viagem europeia foi estimulada pelo livro de Ômer Buyse, mas os relatos pessoais revelam que foi uma viagem sem foco. Apesar disso, certamente foi uma experiência formadora. Afinal, a Europa é impactante, principalmente para um jovem baiano acostumado com paisagens marcadas pela negritude da escravidão e pelo clima seco e quente. Mas a experiência nos EUA foi mais vigorosa. Para os EUA Teixeira viajou sozinho, e o conhecimento dos problemas educacionais baianos fez com que ele viajasse focalizado na educação escolar, nos sentidos teórico e organizacional.

O tempo de duração das viagens também é significativo para comparações. Na Europa Teixeira permaneceu por quatro meses. Visitou igrejas e mosteiros, passeou pelas ruas e visitou escolas belgas nos últimos 20 dias da viagem. Não consta nos manuscritos europeus que Teixeira tenha visitado universidades para contatos visando a estudos posteriores e nem há referências a autores e ideias europeias sobre educação. A primeira estada de Teixeira nos EUA durou sete meses, em 1927, ocasião em que conheceu a obra de Dewey, e durante 30 dias realizou visitas pedagógicas com roteiro elaborado a partir de interlocuções na Universidade de Columbia. As descrições produzidas são detalhadas.

Por ocasião da viagem aos EUA já se passara um tempo de 17 meses da viagem à Europa. Teixeira, havia três anos, estava na Inspetoria de Ensino, e possuía uma bagagem representativa da Europa recém-visitada, da realidade baiana e dos problemas na educação. Para sua segunda viagem Teixeira organizou roteiro e se preparou para estudar a teoria educacional americana.

As motivações para as viagens também eram diferentes. Ao dirigir-se para a Europa, Teixeira alegou motivos religiosos e desejo de descansar, enriquecer seu sentido de vida: seu momento pessoal era de tensões. Ao viajar aos EUA Teixeira afirmou que se sentia como um estudante em busca de renovação do conhecimento. Isso revela o aspecto formativo que a viagem aos EUA possuía para Teixeira, além da motivação para conhecer de perto a teoria pragmática de Dewey e observar os métodos de ensino em solo americano.

É importante destacar que nos escritos europeus ele se revelou muito ligado à aristocracia, e suas concepções sobre educação ainda não tinham a laicidade como referência. Na América, Teixeira tornou-se republicano, defensor dos regimes descentralizados e da democracia liberal. Teixeira já entendia que a democracia aconteceria apenas em sociedades em que houvesse mobilidade e intercâmbio entre os diversos grupos sociais. A escola seria a responsável por desenvolver condições para concretização dos ideais de democracia e progresso. Na viagem à Europa, Teixeira não problematiza a igualdade de oportunidades, apenas cita que o pobre deveria ter o direito de fornecer educação católica para seus filhos. A conversão política de Teixeira é tão expressiva que Monteiro Lobato descreveu-o para Fernando Azevedo como um novo Anísio “lapidado pela América” (LOBATO *apud* AZEVEDO *et al.*, 1960, s/p).

A representação europeia elaborada por Teixeira era de um povo tradicional e por isso sua escrita é discreta e denota pouca surpresa ou entusiasmo. Já na descrição de traços culturais americanos, Teixeira usa palavras precisas e reincidentes: unidade, energia, trabalho e inteligência. Entre os traços observados está a facilidade em resolver problemas e a capacidade de união em prol de objetivos comuns. A América representava “uma raça unificada” (TEIXEIRA, 2006, p. 214).

Para Teixeira, a sintonia entre ciência e indústria diferia a cultura americana da europeia.

O industrial europeu põe dez anos em uma transformação de sua fábrica, mal grado o inventor lhe dizer que sua máquina produz dez vezes menos do que a nova que ele lhe traz. O industrial investiu o seu dinheiro nos atuais maquinismos e os seus cinco ou dois anos de trabalho não compensam ainda o capital investido. O americano põe um mês, dependendo milhões, para transformar a sua empresa, a fim de ganhar um décimo mais de eficiência (TEIXEIRA, 2006, p. 164).

Sobre Paris, Teixeira escreveu oito páginas de uma representação emblemática. Nenhuma experiência da viagem, nem mesmo a visita às escolas belgas, mereceu tanto espaço no relato pessoal. No metafórico texto parisiense, Teixeira associa o drama existencial do homem moderno à cidade de Paris, símbolo da modernidade. Retrata a cidade-símbolo da *belle époque* como confusa e sem encantos. Paris era como um filme: não era real, embora representasse a realidade. Paris era artificial, mas nela o real e o imaginário (artificial) não eram separados. Era como se o imaginário fosse real. Para o jovem Teixeira, Paris e os parisienses eram banais, mas suas vidas eram fantásticas, porque no cotidiano não havia separação entre o real e o extraordinário. Teixeira era avesso às revoluções, insurreições ou revoltas, e Paris, nos dois séculos anteriores, foi terra de violência revolucionária entre burgueses e proletários.

A crítica de Teixeira à modernidade parisiense realçava a rotina da metrópole e a vida mecânica e sem sentido: diante dos espetáculos diários da existência, o homem reagia maquinalmente aos acontecimentos cotidianos como um fantoche, governado por um querer cego e irracional. Na reflexão de Teixeira, o homem parisiense vivia sustentando máscaras, eternamente inquieto, buscando na vida agitada destruir a solidão e o vazio existencial, simulando os acontecimentos da vida para si mesmo, numa peça em que é apenas o ator coadjuvante.

Aspecto positivo realçado por Teixeira sobre Paris é a eletricidade. “A electricidade accende as flores inquietantes que decoram os escenarios de fantasia e de sonho” (TEIXEIRA, 1925). Tal representação decorria da precariedade da iluminação pública no Brasil, e mais ainda na Bahia da década de 1920. É espantoso como nos escritos de Teixeira a cidade de Paris, centro cultural da modernidade, quase nada tinha de positivo.

Diferente do europeu, o roteiro americano de visitas incluía lugares e instituições que permitiriam verificar como as escolas lidavam com problemas semelhantes aos da educação baiana. Nos aspectos realçados por Teixeira nas escolas europeias, nota-se que as observações são genéricas e superficiais, sem surpresas e admiração. Não foram encontradas referências a prédios escolares, métodos de ensino, formação de professores, educação de adultos, educação técnica e integração entre escola e sociedade, como bastante enfatizado no relatório sobre as escolas nos EUA.

Teixeira (1925) não menciona visitas a órgãos de administração escolar na Europa. Apenas expôs a centralização burocrática e a reduzida autonomia da administração escolar como obstáculo à resolução dos problemas: era o “(...) ministro quem dizia sempre a última palavra”.

Os aspectos do ensino que atraíram a atenção de Teixeira na Europa foram um laboratório de psicologia experimental, local em que observou o desenvolvimento da atenção e memória dos alunos nos experimentos. Nas narrativas as palavras *experimental*, *experimentação* e *experiência* foram utilizadas no texto de Teixeira, algo que permite inferir que ele já carregava as futuras proposições sobre a educação escolar ativa e o método experimental na educação.

Durante a visita a um jardim de infância na Europa, o aspecto que mais chamou a atenção de Teixeira foi a disciplina das crianças; na América, o aspecto disciplina já não tomou a pauta em suas observações, mas, sim, o método de ensino. Ainda sobre o jardim de infância, Teixeira mencionou a separação entre a pré-escola e a escola normal na Europa, citando algumas insuficiências da escola normal e do jardim de infância, como pessoal e material didático comum e pouca diferença entre os programas. Todas as observações de Teixeira sobre as escolas europeias são discretas, genéricas e sem referências a novidades em relação ao que já havia sido lido no livro de Buyse.

Na América o enfoque das apropriações de Teixeira foi direcionado. Ele reproduziu o ensino americano de forma verticalizada e indicando a sua sustentação teórica. Destacou que o método experimental teve repercussão em vários campos de pesquisa, especialmente na reconstrução do currículo e no estilo das aulas. Descreveu a estrutura física dos prédios escolares, a flexibilidade do currículo, as associações de pais e mestres, a organização administrativa e financeira das escolas, a formação de professores, o ensino rural, a educação de adultos, a escola para negros e o ensino técnico. Visitou órgãos governamentais de educação dos quais destacou a descentralização administrativa, oposto ao que havia encontrado na administração escolar europeia.

Sobre a formação de professores, há menção à importância dada pelos americanos ao curso normal e à preocupação em aprimorar os métodos de ensino. O objetivo era que a formação de bons professores resultasse na boa qualidade da educação dada a crianças, jovens e adultos, sem exceção, indiferentemente de esses alunos pertencerem ao meio urbano ou rural. Segundo a observação de Teixeira, a qualidade na formação de professores para educação rural e urbana não se diferenciava na América, e apenas em dado momento do curso de formação havia especialização para lecionar na cidade ou no meio rural.

Em todos os cursos normais o futuro professor aprendia a ensinar e adquiria conhecimentos sobre a aprendizagem. “Não basta conhecer a matéria, é indispensável conhecer a criança e as leis a que obedece o ato de aprender” (TEIXEIRA, 2006, p. 110). Isso é significativo, pois Teixeira não encontrou no modelo europeu algo que lhe desse subsídios teórico-práticos para pensar a formação de professores no Brasil.

Na década de 1920, na Bahia, Teixeira convivia com o desinteresse público e social pela escola. Já na América ele encontrou um tipo de associação que promovia integração entre escola e o meio social, com festivais para arrecadação de fundos para bibliotecas,

móveis, instrumentos musicais e assistência para os alunos. Teixeira salientou que todas as escolas americanas possuíam associação de pais e mestres.

A respeito da administração e financiamento escolar americano, a principal observação de Teixeira foi sobre a descentralização administrativa, orçamentária e a nomeação de professores, que era feita pelos conselhos municipais de educação com as escolas.

As descrições sobre a estrutura física dos prédios escolares americanos estão atreladas à representação que Teixeira possuía sobre as péssimas condições físicas das escolas baianas. O relato sobre o modelo verticalizado dos prédios, a disposição das salas e a arborização do espaço não foram citados nos escritos europeus. Na Bahia as escolas funcionavam em imóveis precários e improvisados, por isso Teixeira se refere ao ambiente escolar americano de forma positiva, destacando a disposição das salas de aula, as oficinas, os auditórios e espaços destinados à recreação. Teixeira citou políticas para promoção da qualidade do ensino, extinção do analfabetismo, americanização do imigrante e “desenvolvimento de um plano para que a escola possua sempre um progressivo currículo e uma atenção contínua para a perfeita integração dos cursos no currículo” (TEIXEIRA, 2006, p. 120).

Entre os aspectos descritos por Teixeira sobre as aulas europeias e americanas, houve comparação entre a aula conferência e a aula ativa:

os atuais métodos de ensino, na América, são vivos e concretos (...) nada que se pareça com os nossos métodos formais de aula-conferência. A aula, em si, é um trabalho prático, é um problema de discussão que já me ocupou várias vezes nessas notas de relatório (TEIXEIRA, 2006, p. 133).

Teixeira não descreveu na viagem à Europa a educação rural, educação de adultos, educação para negros e educação de nível técnico. Na América estes temas foram tratados porque ele tinha consciência de que a educação, principalmente no meio rural, sempre fora importante para a elevação cultural dos indivíduos, proporcionando-lhes a conquista de direitos e a maior participação na sociedade civil. No agrarismo elementar baiano, porém, a educação rural era quase inexistente.

A educação de adultos na América era tratada do ponto de vista econômico. Por isso a principal representação de Teixeira foi sobre o investimento na educação de adultos, ação quase inexistente no Brasil, com alto índice de analfabetismo na década de 1920.

A polêmica da educação exclusiva para negros não foi encarada por Teixeira como segregação racial, mas como novidade da presença do negro na escola, fato que não ocorria no Brasil. O direito do negro à educação, mesmo em escolas separadas, era para Teixeira uma novidade, pois a representação que ele tinha nesse momento era de uma sociedade brasileira falsamente abolicionista com população negra excluída da sociedade e da escola.

Preponderante nas representações de Teixeira (2006, p. 164) sobre a educação técnica americana foi a presença da oficina dentro da escola, bem como seus “(...) métodos

de precisão, rendimento e organização”. Ele salientava a integração entre escola e indústria como fator de mútuo fortalecimento.

Se na visita às escolas europeias Teixeira ressaltara com pouco entusiasmo as disciplinas, o currículo e o método de ensino, nas escolas americanas, além de produzir mais detalhes, ele realizou uma sistematização teórica de temas e conceitos importantes para pensar a educação. Além de destacar o método pragmático, ele fez menção à integração entre educação geral e educação técnica, salientando que se não houver “estreita cooperação entre o ofício e a escola, (...) será impossível à educação escolar transmitir aos seus discípulos os segredos de execução e habilidade” (TEIXEIRA, 2006, p. 173). Ratificou, ainda, a valorização das capacidades do aluno e sua bagagem cultural e destacou que não se educa uma criança para o futuro, mas para as necessidades do presente. Salientou a integração entre necessidades individuais e sociais, a reconstrução curricular pautada no desenvolvimento tecnológico e a sintonia entre o método e a matéria para a aprendizagem.

Teixeira comparou também as rotinas escolares do estudante brasileiro, europeu e americano, ao criticar que nestes dois primeiros o tempo de permanência na escola era visto como monótono, árduo e penoso. Na América, o período que o estudante passava na escola era diversificado, repleto de atividades individuais e coletivas, de modo “que a vida de colégio não seja, neste país, o período de noviciado e provações que é entre nós, mas um período rico e fecundo, de plena vida social” (TEIXEIRA, 2006, p. 145). Esse é um ponto que revela a atualidade da crítica de Teixeira à cultura escolar brasileira, cujo currículo prioriza, em sua forma de organização, os conteúdos disciplinares. Quase 100 anos depois da crítica de Teixeira, o tempo escolar brasileiro é parcial e contempla quase que exclusivamente os tempos disciplinares em sala de aula. Nossa docência ainda tem suas práticas referenciadas na cultura do silêncio, na enciclopédia e no modelo panóptico.

Para Teixeira (2006, p. 148), a escola europeia era sóbria e tradicional; as escolas francesas viam-se “num domínio de serena tranquilidade. Nessas casas se *transmitem* à geração nova as experiências concluídas da raça e da civilização”. Teixeira salientou que nenhum colégio visitado por ele na Europa, nem mesmo os mais modernos, apresentava a semelhança de estrutura e conteúdo dos colégios americanos. A imagem transmitida pelos colégios europeus era de “fixidez, de estabilidade, de um equilíbrio conseguido e que se quer manter”. Na Europa a disciplina e a ordem no ensino eram mais importantes do que a aprendizagem, enquanto, na América, método e matéria de ensino se uniam num só objetivo: a aprendizagem.

Se as escolas europeias transmitiam a Teixeira (2006, p. 149) a sensação de fixidez, na América os fatores identificados eram o dinamismo e o espírito de contínuo progresso: a “(...) estabilidade americana se mantém pelo movimento, do mesmo modo que se mantém em equilíbrio a bicicleta em corrida”. Para Teixeira (2006, p. 149) a “solidez que

dá uma especial harmonia aos sistemas europeus não existe em terras do Novo Mundo”.

Na América, a

escola é, pelo contrário, um lugar onde a vida moderna e atual circulam livremente. Há, por certo, mais que fazer ainda, e os americanos estudiosos não estão satisfeitos com os atuais *standards* escolares, insistindo por mais perfeito ajustamento; mas isto não impede que a impressão de um brasileiro seja sem reboços plenamente satisfatórias (TEIXEIRA, 2006, p. 166).

Sobre as reflexões feitas por Teixeira (1925) a respeito das duas viagens, parece claro que a Europa não lhe deu o esperado, ou seja, soluções às suas tensões vocacionais, profissionais e inspiração para os novos desafios na Inspeção de Ensino. O desapontamento é expresso: “Até que ponto os meus desejos e as minhas previsões se realizaram?”. Mencionou ainda que seu aprendizado foi curto e que era cedo para tirar conclusões. Sobre a viagem à América, a reflexão principal de Teixeira girou em torno das novidades educacionais. Teixeira representou uma sociedade que possuía uma forma inovadora de pensar e praticar a educação.

## **De volta ao Brasil: direto ao Distrito Federal**

De 1929 a 1935, Teixeira viveu anos fecundos, intensos e tensos em sua trajetória como intelectual e como gestor da educação pública. Ele foi protagonista do movimento pela escola nova, além de publicar quatro livros e um artigo,<sup>7</sup> resultados imediatos de suas apropriações nos EUA e nos contatos com John Dewey e sua obra. Nessas publicações, Teixeira faz circular no Brasil ideias e práticas da escola progressiva e sua pedagogia centrada na aprendizagem, elabora uma representação positiva da civilização americana, apresenta propostas de organização do sistema escolar, põe em relevo a formação de professores e relata avanços realizados durante o tempo em que comandou a Secretaria de Educação no DF. A quantidade de textos escritos e de intervenções realizadas dão a medida do quanto a experiência americana foi inspiradora na vida de Teixeira.

Mas o período de 1929 a 1935 foi também de tensão proveniente dos embates entre escolanovistas e conservadores ligados ao catolicismo e às escolas privadas. Teixeira, ao contrário de outros intelectuais da geração escolanovista, recusou-se a compor a equipe do Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP) por equiparar o governo Vargas a uma ditadura. Mas sua ausência no recém criado MESP não o retirava do centro das decisões educacionais. Convidado pelo prefeito Pedro Ernesto, Teixeira assume o comando da educação no DF com a tarefa de realizar reformas que seriam referências para o país em vias de industrialização e urbanização. As reformas foram importantes e seus resultados significativos, mas provocaram reações, e em 1935 – ano da “intentona comunista” – Pedro

---

<sup>7</sup> “Porque ‘Escola Nova’” (artigo, 1930); “Reorganização do Ensino Normal e sua transposição para o plano universitário: criação” (livro, 1932); “Educação progressiva: uma introdução à filosofia da educação” (livro, 1934); “Em marcha para a democracia: à margem dos Estados Unidos” (1934); “Educação para a democracia: introdução à administração educacional” (livro, 1934).

Ernesto foi pressionado a demitir Teixeira, sob acusação de conluio com os comunistas. Constrangido, Teixeira deixou o cargo.

Exemplar dessa tensão das disputas está numa entrevista de Teixeira ao jornal *A Nação*, do DF, em 1933. *A Nação* era de linha conservadora, herdada de sua fundação no período imperial sob incentivo do Visconde do Rio Branco. Ao apresentar Teixeira, *A Nação* ressalta o mestrado em Filosofia de Educação na Universidade de Columbia e a condição de “discípulo” e tradutor de um livro de John Dewey. Teixeira tinha 33 anos de idade, mas o que o jornal destaca não é a sua juventude, e sim a sua experiência. Teixeira não atuava no governo federal, mas as perguntas feitas a ele são sobre a educação nacional. *A Nação* encarava o precoce intelectual da educação como um porta voz das questões nacionais, algo que demonstra a importância e a visibilidade das reformas que ocorriam no DF.

Mas o jornal relativiza a importância de Teixeira:

As suas opiniões representam (...) não apenas pontos de vista pessoais, mas o *programa de uma das alas beligerantes da nossa pedagogia*, neste momento *oficializada pela presença de um dos proponentes à frente da Diretoria de Instrução Municipal da capital da República* (TEIXEIRA, 2007, p. 244, grifos nossos).

Significativa é a ênfase no vínculo de Teixeira com os EUA. *A Nação* tinha inspiração europeia, heranças monarquistas e relações com o catolicismo. À época não era um elogio vincular alguém aos americanos. Teixeira também era católico, tinha formação jesuíta, era filho de um coronel latifundiário, e nada disso foi revelado pelo jornal. Isso significa que a imagem de Teixeira para a elite católica, a despeito da origem oligarca, passava longe de ser a de um aliado.

A entrevista começa pela filosofia, e as primeiras perguntas do jornal *A Nação* conduzem Teixeira a revelar sua identificação com a modernidade americana e a se colocar como intelectual interessado na circulação dessa filosofia de vida no Brasil e até mesmo a sua oficialização. Em parte, Teixeira habilmente se esquivava, em parte é provocativo. A esquivava aparece na relação que ele faz com o Ocidente e não com os EUA: o mundo ocidental estava em transformação sob o patrocínio da ciência e da democracia. A provocação está na afirmativa de que sob a democracia e a ciência a mudança é permanente. Uma questão da época era a da laicidade da educação. Estava em pauta a constituição de um sistema nacional de ensino, o que dependia de legislação federal. A pergunta revela o interesse do jornal *A Nação*: “Deve o Estado impor uma filosofia educacional que seja modelada em sua filosofia política?” A última pergunta é mais explícita: “Pode o Estado permitir o ensino religioso nas escolas públicas?” (TEIXEIRA, 2007, p. 248).

A democracia como tendência da era moderna já havia sido identificada por Tocqueville (2005) 100 anos antes de Teixeira, e o cientificismo já era enfatizado pelo positivismo no século XIX. Contudo, Teixeira não cita autores. É que foi nos EUA e não na

Europa que ele descobriu a democracia liberal, o pragmatismo e o industrialismo proveniente da ciência: a era das máquinas.

Interessante é o modo como Teixeira articula democracia, ciência e educação em seus planos para a educação nacional. Tarefa da educação brasileira era a realização integral daquele ideal democrático: “dar a cada indivíduo um lugar na sociedade, correspondente ao de suas capacidades naturais, sem qualquer restrição de ordem social, econômica ou de nascimento” (TEIXEIRA, 2007, p. 245). Para isso era necessária a

organização de um sistema de educação livre, gratuito, que permita a qualquer indivíduo percorrê-lo do jardim de infância à universidade, só com a limitação de sua capacidade inata, e que dê a todos os indivíduos indispensável formação econômica e social que os habilite a cooperar e a participar na civilização do País (TEIXEIRA, 2007, p. 245).

As expressões revelam uma pedagogia centrada no indivíduo e em suas singularidades. A ênfase no “ensino livre” é tanto crítica à proteção estatal às escolas da igreja, quanto defesa da laicidade da educação pública. Teixeira é meritocrático num contexto em que a meritocracia tinha como alvo a aristocracia e sua expressão na dualidade escolar. A meta do sistema escolar gratuito era “dar a cada indivíduo o lugar na sociedade a que o destinem os seus méritos e sua capacidade” (TEIXEIRA, 2007, p. 245).

Com o objetivo de demonstrar a importância das experiências americanas nas rupturas vividas por Teixeira, é oportuno retornar às suas ideias sobre política e educação nos escritos de 1925. Nesses textos, Teixeira critica a escola nova, reage à proposta de escola única e demonstra afinidades com a monarquia e com a aristocracia. Nos textos de 1929 a 1935, Teixeira revela-se republicano, democrata, difunde a escola nova e introduz a escola única no DF, ao integrar ensino técnico e ensino secundário. No meio desta brusca mudança, que faz um jovem confuso e indeciso entre ser padre, advogado ou tornar-se um intelectual protagonista na educação pública, está o mergulho na cultura americana, suas teorias e seu sistema escolar. Teixeira não trouxe da Europa inspirações diferentes das que já conhecera no livro de Buyse. A Europa lhe pareceu velha e caótica: desprovida de horizontes de expectativa.

O artigo “Por que a Escola Nova?”, publicado em 1930, é também um texto de intervenção, elaborado como roteiro de palestras para professores baianos. É um texto que circulou dois anos antes do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova. Algumas ênfases de Teixeira são relevantes para atestar as mudanças por ele vividas: o progresso e a modernização da sociedade em decorrência da ciência e da indústria, a democracia e, principalmente, os reflexos disso tudo na necessária renovação da escola, cuja ênfase seria na formação da autonomia individual, por meio da pedagogia laica e centrada na aprendizagem.

Teixeira toma como ponto de partida os hábitos de vida e indaga: vivemos como viviam os nossos antepassados? A resposta é negativa. Teixeira atribui o progresso à aplicação da ciência: o progresso é filho das invenções e da máquina. Salienta a mudança

de mentalidade que a ciência trouxe: “tudo está a mudar e a se transformar”, “constrói e reconstrói seu ambiente”, “armar e desarmar de toda uma civilização” (TEIXEIRA, 1930, p. 3). Teixeira se refere à transformação moral e social, a novos costumes e responsabilidades. Vinham desse progresso as exigências de profunda redefinição da escola tradicional: “Precisamos preparar o homem para indagar e resolver por si os problemas”; “temos que construir a nossa escola, não como preparação para um futuro conhecido, mas para um futuro rigorosamente imprevisível” (TEIXEIRA, 1930, p. 4).

Teixeira compara a atitude individual antes permeada por “submissão, medo e desconfiança” com a nova tendência marcada por “otimismo, segurança e coragem diante da vida”. Ele atribui ao método científico a responsabilidade de trazer consigo segurança e responsabilidade. Graças a esse método “podemos construir a civilização progressiva”, “ganhamos o governo da natureza e dos elementos e podemos ordená-los para maior benefício do homem” (TEIXEIRA, 1930, p. 5). A grande diferença na mentalidade do homem está em saber que pode mudar as coisas.

Teixeira apresenta o industrialismo como segundo vetor da vida moderna: a era industrial coloca novos desafios e “problemas para a educação responder” (TEIXEIRA, 1930, p. 6). O terceiro vetor é a democracia: “democracia é acima de tudo um modo de vida, uma expressão ética da vida”, não há satisfação para uma vida social que “negue essencialmente a democracia” (TEIXEIRA, 1930, p. 7). Todas essas tendências da vida moderna foram percebidas por Teixeira durante suas estadias nos EUA, estando as descrições no livro *Aspectos americanos de educação: anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927*, publicado em 1934 (TEIXEIRA, 2006).

Teixeira reitera que as mudanças não eram somente materiais, mas também ocorriam na visão das pessoas sobre a vida. A moderna liberdade é “essa capacidade de se orientar exclusivamente por uma autoridade interna, nenhuma autoridade exterior é hoje aceita” (TEIXEIRA, 1930, p. 7). A escola tradicional, segundo Teixeira, não podia formar esse novo homem “com hábitos de adaptabilidade e ajustamento”, a escola tradicional não conhecia “a progressão geométrica com que a vida está a mudar, desde que se abriu o ciclo das invenções” (TEIXEIRA, 1930, p. 7).

Ao focalizar os “motivos pedagógicos da renovação escolar”, Teixeira traz à tona as exigências que a nova ordem social faz sobre a escola: aprender significa “ganhar um modo de agir”, “aquisição de uma determinada habilidade”, “um ato é sempre uma reação a uma situação em que nos encontramos” (TEIXEIRA, 1930, p. 11). “Aprender é um processo ativo de reagir a certas coisas, selecionar as reações apropriadas e fixá-las depois em nosso organismo. Não se aprende por simples absorção” (TEIXEIRA, 1930, p. 11). Vêm dessa ênfase na aprendizagem as ideias de “aula interessante”, “aula problema” ou “aula ativa”, típicas do pragmatismo e opostas à “aula conferência” da escola europeia.

Ao evidenciar as características da escola nova, Teixeira cita Kilpatrick e apresenta três sucintas sugestões para a renovação da escola:

- 1) Uma escola de vida e de experiência (...);
- 2) Uma escola onde os alunos são ativos, onde projetos formem a unidade típica do processo de aprendizagem (...);
- 3) Uma escola onde os professores simpatizem com as crianças sabendo que só através da atividade progressiva dos alunos podem eles se educar, isto é, crescer, e que saibam ainda que crescer é ganhar cada vez melhores e mais adequados meios de realizar a própria personalidade dentro do meio social onde o aluno vive (TEIXEIRA, 1930, p. 13).

Nos termos da proposta, “mestres e alunos trabalharão em liberdade e à luz do que o filósofo e cientista esclarecem sobre a profissão dos primeiros e o labor dos últimos” (TEIXEIRA, 1930, p. 15). Teixeira defende uma relação de confiança mútua entre mestres e alunos, que o mestre “perca a ideia de soberania sobre o pensamento do seu discípulo” e “dê-lhe a oportunidade para pensar e julgar por si” (TEIXEIRA, 1930, p. 15). Esse é outro ponto que revela atualidade da crítica de Teixeira ao tempo presente no Brasil: tempos de retrocesso da laicidade e da liberdade de cátedra na educação pública.

A segunda parte do livro *Educação para a democracia* é um relatório no qual Teixeira apresenta seu diagnóstico e suas propostas relacionadas à educação no DF. Um destaque é sobre a finalidade da educação secundária. Teixeira critica a concepção dualista, que oferece a formação profissional para o jovem menos afortunado e a acadêmica para os que “presumem não ser o povo ou não querem ser” (TEIXEIRA, 2007, p. 107).

Na época que Teixeira estava no comando da Educação no DF, o Brasil convivia com disputas entre industriais e intelectuais da educação em torno das relações entre educação e trabalho, entre ensino regular e ensino profissional, ensino técnico e propedêutico. Essa disputa culminou, em 1942, na criação do SENAI e das escolas técnicas federais. Teixeira estava nessa disputa, e sua crítica era contundente: “transplantado da Europa, (...) o Brasil mantinha um dualismo essencial em suas iniciativas educacionais. Havia uma educação para o povo (...) uma educação para o trabalho, e uma educação para a elite, que seria a educação para a cultura” (TEIXEIRA, 2007, p. 233). A sua proposta incidia em dois pontos: a docência (seleção de vocações, formação, sistematização da profissão e da carreira e elevação dos salários) e a reforma do sistema, de modo a tornar o ensino secundário acessível a todos. Em sua reforma no DF, Teixeira integrou o ensino técnico ao secundário.

Teixeira faz série de considerações acerca desta dualidade escolar, apontando interesses políticos e sociais como condicionante dessa anacrônica permanência, bem como indicando que a conciliação entre pensamento e ação, ciência e indústria, é fator de pacificação de objetivos, devendo ecoar também na educação.

À medida que a legislação de ensino for menos opressiva e menos limitadora, ela se desenvolverá com maior e mais rica flexibilidade, no sentido de oferecer aos seus educandos o ambiente e a cultura científica, aplicação técnica, realização industrial e formação artística e social indispensável ao homem brasileiro e moderno (TEIXEIRA, 2007, p. 215).

Para Teixeira faltava foco no educando, e os interesses educacionais oprimiam as necessidades dos alunos. Essa ênfase no educando é uma típica apropriação pedagógica feita por ele nos EUA, principalmente nos contatos com Dewey e sua obra.

## **Considerações Finais**

O propósito do artigo foi situar a trajetória de Teixeira no período de 1924 a 1935, buscando o relevo das viagens aos EUA na sua inclinação para a república, a democracia liberal e a educação pública, laica e de boa qualidade. Também foi propósito comparar os dois sistemas de representação elaborados (Europa e EUA), interpretando quais referências culturais e escolares o jovem inspetor trouxe para o Brasil.

Quando Teixeira foi à Europa, em 1925, ele tinha 25 anos de idade. Havia passado sua juventude em Caetité, Salvador e no Rio de Janeiro. No diário de viagem à Europa, as expressões empregadas asseguram que era a primeira vez que ele saía do Brasil. Acostumado com a cena baiana – clima quente e seco, cidades mal iluminadas, sem infraestrutura e serviços e pobreza social –, é evidente que o jovem inspetor se sentiu impactado pela Europa, onde sentiu frio, viu neve, contemplou a noite iluminada, conversou com pessoas e visitou lugares representativos da civilização europeia.

Mas, a despeito do choque cultural, a Europa não inspirou Teixeira, que convivia com pessoas cultas de origem europeia ligadas ao clero. Apesar de nunca ter ido à Europa, Teixeira tinha acesso a relatos sobre suas paisagens, pessoas e culturas. Ele tinha uma representação da Europa, e é em relação a esta representação que a experiência não lhe proporcionou algo inédito.

Mas ter uma representação já elaborada no Brasil sobre a Europa não significa que Teixeira tivesse elevadas expectativas em relação ao continente. A demonstração disso é que Teixeira não se preparara para a viagem, e o único guia que levava foi o livro de Buyse. Teixeira não levou questões bem definidas a serem observadas. Até mesmo o roteiro de viagem, com exceção da Bélgica, não foi definido por ele, mas pelos cicerones clericais.

A propósito, quando Teixeira emprega expressões que designam surpresa em relação à Europa, as expressões são negativas. Em diferentes aspectos a Europa aparece na sua representação como um mundo velho e sem futuro. Em nenhuma passagem faz menções à democracia política e social, ao dinamismo do cotidiano ou à mobilidade e à igualdade nas relações sociais. Além de velha, a Europa não estimulou nem inspirou o jovem Teixeira. A descrição negativa sobre Paris é emblemática.

Se a velha Europa não encantou o jovem baiano, isso também pode ser afirmado em relação às escolas europeias. O jovem inspetor esteve em Portugal, Espanha, França, Itália e Bélgica. No entanto, as visitas pedagógicas foram somente na Bélgica, onde Teixeira queria ver métodos americanos em prática. Nas escolas belgas, Teixeira não viu nada além do que já estava no livro de Buyse.

Essa representação nada inspirada que Teixeira trouxe da Europa e suas escolas tem diferentes sentidos. Por um lado, a Europa de 1925 ainda tinha marcas da guerra que acabara seis anos antes. Essas marcas estavam nas paisagens urbanas e na vida social: guerras destroem, e reconstruções geram sacrifícios sociais.

No tocante à educação e às escolas europeias, algo condicionante da representação desprovida de encantos vinha do envolvimento ainda incipiente do jovem Teixeira com a educação. Há uma questão desafiadora: em que momento de sua vida Teixeira decidiu inclinar-se para a educação? Certamente não foi em 1924, quando Góes Calmon o nomeou para a pasta da instrução pública. Não foi também a Europa que motivou Teixeira a inclinar-se para a educação.

Recém-formado em ciências jurídicas e sociais, incipiente e chegando abruptamente ao campo de estudo, o sujeito que viajou à Europa ainda não era uma pessoa decidida a inclinar-se para a educação. Era também um sujeito que não tinha uma elaboração dos problemas escolares que ele tinha pela frente.

Diferente é a experiência de viagem aos EUA e a representação que dela resultou. Teixeira viajou pela primeira vez aos EUA em 1927. Cronologicamente a diferença para a viagem europeia é pequena: menos de dois anos. Entretanto, a sua relação com a educação já era diferente e resultava do mergulho no universo precário das escolas baianas. Quando voltou da Europa e reassumiu o comando da instrução pública, Teixeira diagnosticou a educação baiana, delineou os problemas e os transformou em desafios. A desigualdade e a pobreza sociais, a marginalidade dos negros e a falta de políticas públicas visando à sua inclusão social, o alto índice de população analfabeta, o desinteresse do governo e das famílias pelas escolas e professores despreparados para tornar a escola uma experiência interessante impressionaram e desafiaram Teixeira.

É nessa condição pessoal, marcada pelo conhecimento dos problemas sociais e escolares da Bahia e pelo estímulo oriundo das ações efetivadas, que Teixeira se preparou e realizou a segunda viagem internacional, desta vez aos EUA. O sujeito viajante já era diferente do sujeito que fora à Europa a menos de dois anos, embora ainda não fosse um sujeito totalmente inclinado para a educação. Mas foi em busca dessa inclinação que Teixeira viajou aos EUA em 1927: uma viagem focalizada na educação, no sentido teórico e prático.

Vem desse foco uma diferença entre os dois conjuntos de representações. Os escritos europeus focalizam bem mais a Europa e muito pouco as escolas europeias, principalmente as belgas. Já os escritos americanos focalizam exclusivamente a educação, embora com ligeiras passagens sobre o povo e seu modo de vida. Esse foco exclusivo na educação e essas poucas referências à cultura, à política, à economia e à vida social americanas não significam que Teixeira não tenha elaborado uma representação sobre a América, suas gentes, suas culturas, suas relações e suas instituições. As representações

positivas sobre os EUA dos anos 1920 foram objeto de um livro específico, publicado em 1934, o único no qual Teixeira (2006) focaliza a civilização americana.

As representações de Teixeira sobre as escolas americanas também fazem parte do ideário educacional defendido por educadores das décadas de 1920 e 1930, que compreendiam a escola como vetor para o progresso. Os escritos de Teixeira sobre a América apresentaram novo modelo educacional que estava expandindo-se por intermédio da democracia liberal. A América é representada por Teixeira como ícone da modernidade pela reformulação da escola.

Um dos fatores preponderantes nas representações de Teixeira sobre as escolas americanas foi o ensino técnico-industrial. É que a existência da escola só se justificaria se atendesse às necessidades sociais, por isso o velho modelo escolar europeu, em sua avaliação, cederia espaço ao ensino ativo centrado nas demandas do aluno. Teixeira assegurava que o saber literário e erudito, que permanecia e dividia espaço com o ensino técnico e científico no Brasil, deveria romper-se com as raízes do passado para acompanhar o desenvolvimento da ciência, da cultura e da técnica. A escola não poderia ser dual.

Teixeira acreditava que o Brasil alcançaria o progresso se implantasse um sistema de ensino e investisse na estrutura física, na administração político-administrativa, na docência, no método e na matéria de ensino, para tornar o aprendizado interessante e mais prático do ponto de vista da resolução dos problemas cotidianos do aluno.

Entre 1924 e 1930, quando assume a Inspeção e escreve contra a escola única e quando volta ao Brasil e escreve sobre escola nova, Teixeira é um sujeito que revela significativo amadurecimento e mudança. Torna-se senhor de si e de suas ideias, liberta-se das influências religiosas e familiares, distancia-se da oligarquia e torna-se um republicano, industrialista e democrata, que via a educação pública, laica e de boa qualidade como um vetor para o progresso e para democracia.

Muito dessa mudança pode ser creditada às viagens pedagógicas realizadas aos EUA. O que o jovem inspetor encontrou na América situou-se muito além das expectativas. Encantamento, estímulo, entusiasmo e inspiração: Teixeira obteve tudo isso nas inéditas práticas escolares americanas. Na América, Teixeira conheceu a pedagogia pragmática de Dewey e a sintetizou, colocando-a em circulação na educação baiana. Conheceu experiências escolares voltadas para a inserção social de negros oriundos da escravidão e nelas se inspirou; encheu-se de entusiasmo com o modo como as famílias interagiam com a escola e com as destinações orçamentárias dos governos; impressionou-se com o modo como a sociedade e o governo encaravam a erradicação do analfabetismo; encantou-se com as aulas interessantes, envoltas com problemas práticos e desafiadores.

A representação de Teixeira sobre a América e suas escolas é inversa à representação sobre a Europa e suas escolas. A experiência americana proporcionou-lhe

uma representação de tal modo positiva sobre a educação que não é exagero afirmar que ela foi decisiva na inclinação definitiva do jovem Teixeira para a educação pública.

## Referências

- ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- AZEVEDO, F. et al. *Anísio Teixeira: pensamento e ação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- BUYSE, O. *Methodos americanos de educação geral e technica*. Salvador: Imprensa Oficial, 1927.
- CARVALHO, D. O. C. *Educação escolar e americanismo em escritos de 1927 e 1934 de Anísio Teixeira*. 2014. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) – Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2014.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, Jan./Abr. 1991.
- GERIBELO, W.P. *Anísio Teixeira: análise e sistematização de sua obra*. São Paulo: Atlas, 1977.
- LOURENÇO FILHO, M.B. *Introdução ao estudo da Escola Nova: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea*. 12. ed. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.
- NUNES, C. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista: Edusp, 2000.
- NUNES, C. *Anísio Teixeira*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco / Ed. Massangana, 2010.
- SCHAEFFER, M. L. G. P. *Anísio Teixeira: formação e primeiras realizações*. São Paulo: USP/Faculdade de Educação, 1988.
- SILVA, R. S. O. *Representações sobre Europa e América e suas escolas: comparação entre os escritos de viagens do jovem Anísio Teixeira (1925–1927)*. 2016.143 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) – Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2016.
- SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 231-269.
- TEIXEIRA, A. A propósito da escola única. *Revista do Ensino*, Salvador, v. 1, n. 3, 1924.
- TEIXEIRA, A. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925. 54 p. Atpi: 25.07.17 (Filme 03). FGV/CPDOC.
- TEIXEIRA, A. *Anotações relativas às escolas europeias quando de sua viagem de estudos*. Europa, 1924/1927. 6 p. Atpi: 1924/1927 (Filme 03). FGV/CPDOC.
- TEIXEIRA, A. *Porque “Escola Nova”*. Boletim da Associação Bahiana de Educação. Salvador, n. 1, 1930, Localizado no Centro de Processamento de Documentos (CPDOC)/Fundação Getúlio Vargas (FGV). p. 2-30. Livraria e Typographia do Comércio.
- TEIXEIRA, A. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. In: NUNES, Clarice (Org.). *Aspectos americanos de educação e anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- TEIXEIRA, A. *Educação para a democracia: introdução à administração educacional*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

TOCQUEVILLE, A. *A democracia na América: lei e costumes*. De certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático. Livro I. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Recebido em: 25/06/2019  
Aprovado em: 13/05/2020